

Paulo Brighenti

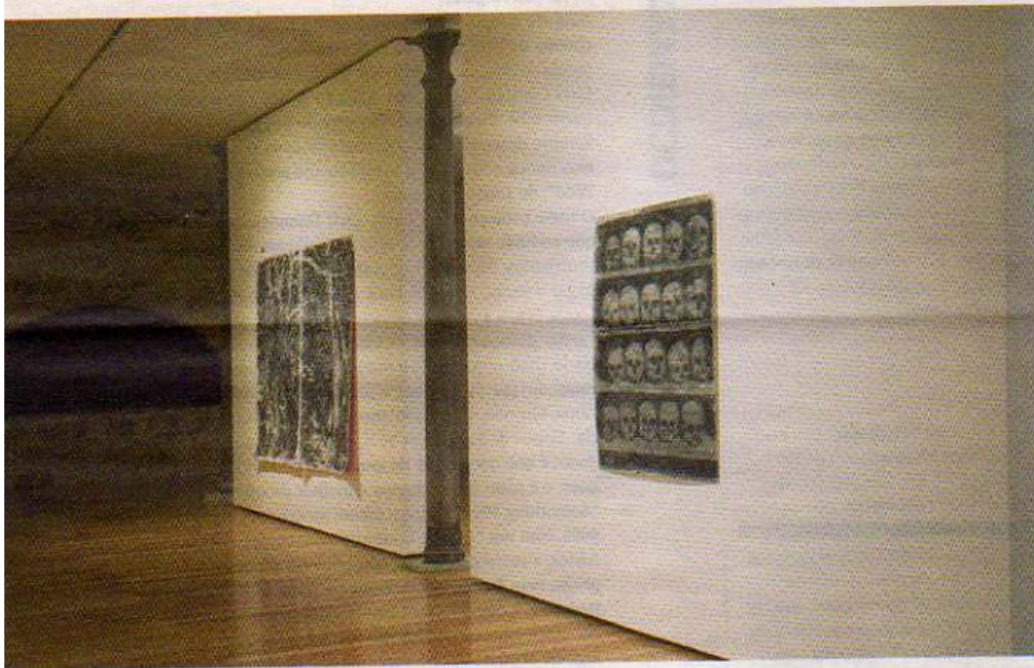
No Means No

CAV - Coimbra

Antes e depois da queda

O desamparo das imagens: obras recentes de um pintor português surgido em meados dos anos 90

Texto Celso Martins



CORTESIA CAV

Melancolia, soturnidade, morte. Com estes materiais dificilmente algum pintor se torna particularmente popular neste começo do século XXI. E, de facto, o percurso de Paulo Brighenti (Lisboa, 1968), iniciado em meados dos anos 90, deve tanto à discrição como à consistência.

Mais do que uma *imagerie* reconhecível de imediato, a sua pintura revela um certo tipo de atmosfera que pode viajar por entre as mais diversas formas e conteúdos. Quando falamos em atmosfera queremos referir-nos à materialização de uma certa luz, que muitas vezes é penumbra ou

plasma, uma imagem desfocada, potencialmente misteriosa.

É a essa luz que se deve ler a inclusão de elementos abstratos, figurativos, arquitetónicos, paisagísticos ou textuais, que na sua pintura não remetem para nenhuma ordenação do mundo exterior mas que se movem como partículas que compõem imagens mentais, associações que criam sentidos mesmo que não evidentes.

Estes aspetos são bastante notórios na exposição "No Means No", que no Centro de Artes Visuais de Coimbra junta pinturas e desenhos de anos recentes, mais dois desenhos murais realizados no próprio local e um vídeo de 2008-2010.

VISTA DA EXPOSIÇÃO "NO MEANS NO", DE PAULO BRIGHENTI, EM COIMBRA

★★★★

NO MEANS NO

Paulo Brighenti
Centro de Artes Visuais,
Coimbra, até dia 25.
Tel. 239 826 178

A exposição deixa ver-se como uma espécie de eixo que liga o desenho que a abre — com um conjunto de caveiras empilhadas — e o vídeo que a fecha, onde se veem imagens da manufatura de uma caveira em barro. Podemos estabelecer este trajeto no interior desses limites. A morte e a decadência ou o estio e uma espécie de sopro vital, uma energia que 'anima' as coisas, polos que encontram o seu ponto de paradoxo quando o ato de criar gera uma imagem de morte, a *vanitas* de barro que aparece no vídeo. Tudo o resto é alimentado por esta polaridade, ainda que de modos distintos. Nos desenhos em díptico de vegetação cerrada que são imagens fechadas sobre si ante a impotência do observador de estabelecer um horizonte, no desequilíbrio das esculturinhas em papel (uma delas lembra mesmo um cada-falso) que se prolonga em alguns desenhos e que se torna evocação da ideia de queda nas pinturas da série "No Means No", que sobre estruturas de objetos empilhados adicionam expressões como "Let the dirt fall, let the heads roll".

Representar significa pois, aqui, fixar qualquer coisa que está, mas não estará para sempre, porque ameaça cair na rede do tempo. E essa percepção alcança-se na evidência da morte, mas também em imagens mais subtis, como na pintura em que o vapor que se eleva de uma bacia como patas de gato ondulantes se há de desfazer na invisibilidade ou na inexistência.

Brighenti contamina com esta questão todas as outras que as obras levam, como a noção do espaço, fundamental na sua pintura e particularmente presente nas pinturas murais. Nelas, o espaço é tão-só a circunscrição da luz ou o território das nuances entre luz e sombra que geram fronteiras no olhar do observador, tornando novamente esse espaço numa abstração à procura de referências exteriores.

Há um desamparo essencial nestas imagens evanescentes, um desequilíbrio que é o próprio movimento das coisas a desfazerem-se na sua deslocação. Na verdade, elas são pedaços de uma imagem maior cuja integridade é impossível assegurar e que o observador mas também o artista, no seu fazer para o desaparecimento, se limitam a entrever a cada nova visão parcial. ▀